



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## **TOMBOY / 2011**

**Maria-Rapaz**

*Um filme de Céline Sciamma*

**Realização:** Céline Sciamma / **Argumento:** Céline Sciamma / **Fotografia:** Crystel Fournier / **Montagem:** Julien Lacheray / **Música:** Jean-Baptiste de Laubier; Jérôme Echenoz / **Som:** Frédéric Dabo / **Atores:** Zoé Héran (Laure / Mickaël); Malonn Lévana (Jeanne); Jeanne Disson (Lisa); Sophie Cattani (mãe de Laure); Mathieu Demy (pai de Laure) / **Produção:** Rémy Burah; Bénédicte Couvreur; Tiphaine Perin | Hold Up Films; Arte France Cinéma; Canal + / **Cópia:** digital, legendagem eletrónica em português / **Duração:** 82 minutos / **Estreia Mundial:** 11 de fevereiro de 2011, França / **Estreia em Portugal:** 11 de abril 2011



“Mickaël, chamo-me Mickaël” responde Laure à vizinha Lisa, depois desta a ter confundido com um rapaz.

O cinema como espelho privilegiado do seu tempo tem feito várias incursões pelo tema cada vez mais matizado da orientação sexual e, mais recentemente, pelos debates interiores e sociais sobre a identidade de género. Neste campo, temos já vários exemplos que emparelham com o filme *Tomboy* de Céline Sciamma. Dos mais conhecidos àqueles que mal saíram do circuito dos festivais, elenque-se uma pequena amostra: *Ma Vie en Rose* (Alain Berliner, 1997); *Boys Don't Cry* (Kimberly Pierce, 1999); *XXY* (Lucia Puenzo, 2007); *Romeos* (Sabine Bernardi, 2008); *Mein Freund Aus Faro* (Nana Neul, 2008); *Laurence Anyways* (Xavier Dolan, 2012); *The Danish Girl* (Tom Hooper, 2015); *Girl* (Lukas Dhont, 2018). Destes títulos, apenas *Ma Vie en Rose* aborda

como *Tomboy* a questão da identidade de género em idades mais tenras. Cedendo-se à comparação, o filme de Sciamma é mais subtil e aberto, embora parte dessas “qualidades” se devam ao facto de *Tomboy* trabalhar a crise de identidade de uma rapariga e o filme de Berliner a de um rapaz. Em *Ma Vie en Rose*, o protagonista é Ludovic, um rapaz que se sente rapariga e que se apresenta como tal. A premissa do filme de Berliner, independentemente da competência e sensibilidade da mise-en-scène, torna por si só o enredo mais sublinhado. É do senso comum ser mais frequente e socialmente aceitável uma rapariga tender para a androginia e ser catalogada como Maria-Rapaz, do que um rapaz ser feminino e apresentar-se em público de vestido. Uma mulher invejar ou aspirar a uma identidade masculina (não necessariamente biológica, talvez só cultural) é um comportamento mais “aceitável” do que um homem aspirar a uma identidade feminina, sendo que pela “menoridade” do estatuto social e cultural da mulher, essa aspiração sugere-nos uma conotação mais visceral. Séculos de cultura patriarcal explicam o duplo padrão. A abordagem sociológica, não pode nem quer lançar sombra sobre a qualidade do argumento e mise-en-scène de Céline Sciamma, que funde a protagonista e a sua demanda num retrato amplo e realista dum núcleo familiar caloroso, no qual brilha a irmã mais nova, a adorável Jeanne, e no ambiente livre e estival de um grupo de crianças em férias. A abordagem de Alain Bernier, descontada a sociologia, é muito mais programática e a mistura de registos entre o fantástico, o caricatural e o realismo desequilibram o filme.

Sciamma é uma argumentista e cineasta francesa com créditos firmados na abordagem de temas controversos como orfandade e o conceito de família (argumento de *Ma Vie de Courgette* de Claude Barras, 2016), condição da mulher, orientação sexual e identidade de género (*Naissance des Pieuvres*, 2007; *Tomboy*, 2011; *Bande des Filles*, 2014 e *Portrait de la Jeune Fille en Feau*, 2019). No universo dos filmes destinados a crianças e jovens, tome-se como exemplo o surpreendente argumento do filme de animação *Ma Vie de Courgette* (A Minha Vida de Courgette), escrito por Sciamma a partir do romance de Gilles Paris "Autobiographie d'Une Courgette". O texto é uma pedrada no charco. Não há tema, daqueles que sempre se consideraram proibidos para a infância, que não seja abordado – da morte, ao sexo, passando pela loucura, crime, drogas, pais violentos e pais que abandonam. Os orfanatos são sítios simpáticos, cheios de amor e atenção, as crianças são espertas e cruéis, dizem palavrões, falam de sexo e mostram o rabo às fotografias, mas nem por isso são menos íntegras e generosas. Um apurado sentido de humanidade e de crença na humanidade podem ser os ingredientes que ligam todos os outros e que permitem a Sciamma, neste e noutros filmes, um olhar tão lúcido quanto solar.

Voltando a *Tomboy*, a resposta “Mickaël, chamo-me Mickaël” é o detonador de uma experiência tentadora, mas arriscada para a jovem Laure e o gatilho de uma trama sobre descoberta de identidade de género e orientação sexual que Sciamma desenvolve sem sublinhados, sem explicações, dando tempo e respiração às personagens, e lançando sobre elas um olhar terno e solar, mesmo no ápice da curva dramática. O filme encerra com a repetição da pergunta “Como te chamas?”, a que é devolvida a resposta certa, “Laure”, e um sorriso e esse é o desfecho simultaneamente mais significativo, simples e belo.

Carla Simões